

EFICÁCIA E TRANSPARÊNCIA NAS EMPRESAS

Ética nos negócios é uma condição de sobrevivência

As perdas do PSI20 já totalizam 20%. Mas o problema é mais vasto. No geral, o tecido empresarial está descapitalizado. As empresas precisam atrair investimento. Para isso, é necessário que o corporate governance funcione.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@oje.pt

As regras até podem estar muito bem feitas, mas se os responsáveis das empresas não cumprirem os princípios éticos fundamentais, que são a essência da sustentabilidade da organização, então, algo está mal. Este foi o pensamento geral que presidiu à conferência "Eficiência e Transparência nas Organizações", promovida pelo Instituto Português de Corporate Governance e pelo Stanton Chase International, ontem, em Lisboa e que o Presidente da NYSE Euronext Lisbon, Luís Laginha de Sousa sintetizou, em jeito de moral da história: "A ética nos negócios é uma condição de sobrevivência."

Ao abrir a sessão, o Vice-Presidente Executivo do Instituto Português de Corporate Governance, Manuel Agria dera justamente esse mote: "A falta de ética fere os negócios e a sociedade."

As relações económicas funcionam quando há confiança e esta assenta mais nos princípios e nas boas práticas do que nas leis, defendeu Laginha de Sousa.

Vincando que as empresas são feitas de pessoas e de que em muitas sobressai a sessão de um "sozinho não vou conseguir mudar nada", aconselhou: "A chave é ver as coisas na sua dimensão relativa. É verdade que na selva a sobrevivência é difícil, mas também é verdade que o mundo já foi uma selva muito maior".

António Nogueira Leite, professor de Economia da Universidade Nova de Lisboa, estabeleceu como ponto de partida que o corporate governance é uma questão central para todas as empresas, sejam elas privadas, estatais, familiares, startups. A questão, disse,

está em como podem ser usados os nobres princípios da boa governação numa economia como a portuguesa, estruturalmente com pouco capital e uma classe empresarial descapitalizada. Só para se ter uma ideia, três anos depois da intervenção da Troika, a dívida das empresas privadas continua em níveis de 2011, estando as empresas portuguesas numa situação de alavancagem financeira sem paralelo na União Europeia.

"Seria preciso atrair capital", afirmou o professor. Para isso é preciso que "haja confiança". Por outras palavras, é preciso que o corporate governance funcione.

"Só conseguiremos crescer quando as nossas empresas estiverem devidamente capitalizadas", sublinhou. À luz de uma verdade irrefutável, a de que Portugal é um país pequeno, com tudo o que isso tem de condicionante, analisou o papel do administrador não executivo, focando os ângulos do que é e no que deveria ser. Basicamente "um conjunto de pessoas que ficam bem na

50%

Perdas

Quatro empresas são responsáveis por metade das perdas do PSI20, o que significa que alguns investidores reconhecem a essência dos problemas, mas limitam as suas consequências

fotografia e não chateiam" por contraponto a "alguém que participa na tomada de decisões, com o seu conhecimento", mas que também com capacidade "fiscalizadora". Em França, os administradores não executivos são mais agressivos do que na Bélgica, que é um país pequeno como Portugal, salientou Nogueira Leite, sintetizando: "Não vejo necessidade de nova legislação, mas de atitude."

LUSA/ANTÓNIO COTRIM



Luís Laginha de Sousa, Presidente da NYSE Euronext Lisbon.

PSI20 ARRASTADO POR HECATOMBE

Desde o início do ano até ontem as perdas acumuladas do índice português totalizam 20%, contra, por exemplo, 4% do francês CAC 40 ou 5% do alemão DAX 30, revelou o Presidente da Euronext Lisbon. Duas empresas do PSI 20 faliram este verão: ESFG e BES. Duas hecatombes a que se soma uma terceira de destruição de valor: a PT. "Não tenho memória de algo parecido", salientou. Até maio de 2014, o PSI 20 tinha um desempenho positivo. Daí para cá tem sido sempre a cair. No entanto, as perdas foram acentuadas num número limitado de títulos, o que significa que alguns investidores reconhecem a essência dos problemas mas limitam as suas consequências. Com efeito, apenas 4 empresas foram responsáveis por 50% das perdas, concretizou. De sinal contrário, o presidente da Euronext lembrou as operações de venda dos CTT e da ES Saúde. "Os investidores estão atentos às oportunidades e vão conseguindo rentabilizar os problemas", concluiu.

“

Não vejo necessidade de nova legislação, mas de atitude

ANTÓNIO NOGUEIRA LEITE